



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



ST13- Redes Pluridomiciliares de Suporte Social em Cacoal (Rondônia, Brasil)

Sessão Temática 13: Identidade e territórios: adaptação e resiliência

Tiago Augusto da Cunha

Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da Universidade Federal de Viçosa (UFV)
tiagoac@ufv.br

Telefone de contato: +55 31 3612-6000 (Departamento de Arquitetura e Urbanismo)

Endereço: Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU), Universidade Federal de Viçosa (UFV). Av. Peter Henry Rolfs, s/n
Campus Universitário, Viçosa-MG, 36570-900, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-4634-8497>

Dorys Mirella Bohn Daniel

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) do
Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) da Universidade Federal de Viçosa (UFV)
dorys.bohn@gmail.com

Telefone de contato: +55 31 3612-6000 (Departamento de Arquitetura e Urbanismo)

Endereço: Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU), Universidade Federal de Viçosa (UFV). Av. Peter Henry Rolfs, s/n
Campus Universitário, Viçosa-MG, 36570-900, Brasil

Resumo: Os conceitos de família e domicílio transformam-se e influenciam-se constantemente ao longo do tempo e do espaço. Mais recentemente, está em jogo uma relação inversamente proporcional entre ambos. De um lado, o aumento do número de domicílios. De outro, a diminuição do número de seus integrantes. É relativamente comum, pesquisas domiciliares circunscreverem o núcleo familiar aos limites físicos da residência. Recortá-lo, porém, trata-se apenas de uma estratégia analítica, já que a empiria demonstra que diferentes domicílios com núcleos aparentados ou não mantêm estreita relação entre si. Compõem, portanto, uma espécie de rede de ajudas, suportes e auxílios, materiais e imateriais. Desse modo, a presente pesquisa tem como intuito versar sobre o que aqui denominamos redes pluridomiciliares e suas características. Fomos a campo mapeá-los, aplicando a abordagem de redes sociais em dois setores censitários na cidade de Cacoal, localizada no estado de Rondônia. Selecionamo-os, sobretudo, segundo a variável renda. Os dados sugerem que o tamanho, o formato e o conteúdo das Redes Pluridomiciliares de Suporte Social (RPSS) são fortemente influenciados por ela e, assim, manifestam-se especialmente segundo predisposições locais, é dizer, de acordo com quesitos de proximidade físico-geográfica.

Palavras-chave. Redes de Suporte Social; Análise de Redes Sociais; Pluridomiciliar; Domicílios; Família; Cacoal

Household's Social Support Networks at Cacoal (Rondônia, Brazil)

Abstract: The concepts of family and households are constantly changing over time and space. More recently, an inversely proportional relationship between the two is on course. On the one hand, the increase in the number of households. On the other hand, the decrease in the number of its members. It is relatively common for household surveys to limit the family nucleus to the physical limits of the residence. However, it's just an analytical strategy, since empirical evidence shows that different households based on kin or non-kin relations maintain a close dialogue with each other. They make up, therefore, a kind of network of aids and supports, material and immaterial ones. The present research intends to deal with what we call here Plurihousehold Social Support Networks (PSSN) and their characteristics. We went to the field to map them, applying the approach of social networks in two census districts in the city of Cacoal, located in the state of Rondônia (Brazil). We selected them, above all, according to the income

aspect. The data suggest that their size, format and content are strongly influenced by income variable and, thus, are spatially defined according to locational predispositions, that is, according to physical-geographical proximity requirements.

Keywords: Household's Social Support Networks; Social Networks Analysis; Households; Family; Cacoal

Redes Pluridomiciliares de Soporte Social en Cacoal (Rondônia, Brasil)

Resumen. Los conceptos de familia y hogar cambian constantemente y se influyen mutuamente en el tiempo y en el espacio. Más recientemente, ha estado en juego una relación inversamente proporcional entre los dos. Por un lado, el aumento del número de hogares. Por otra parte, la disminución del número de sus miembros. Es relativamente común que las encuestas de hogares circunscriban el núcleo familiar dentro de los límites físicos de la vivienda. Recortarlo así, sin embargo, es solo una estrategia analítica, ya que la evidencia empírica muestra que diferentes hogares con núcleos familiares afines o no mantienen una estrecha relación entre sí. Constituyen, por ello, una especie de red de ayudas y apoyos materiales e inmateriales. Por lo tanto, la presente investigación tiene como reto discutir lo que llamamos redes multidomésticas y sus características. Fuimos al campo para mapearlas, aplicando el enfoque de redes sociales en dos tramos censales de la ciudad de Cacoal, ubicada en el Departamento de Rondônia (Brasil). Los seleccionamos, sobre todo, según la variable renta. Los datos sugieren que el tamaño, el formato y el contenido de las Redes Sociales de Apoyo Pluridomésticas (RSAP) están fuertemente influenciados por ella y, así, se manifiestan espacialmente según predisposiciones locacionales, es decir, según requerimientos físico-geográficos de proximidad.

Palabras clave: Redes de Soporte Social; Análisis de Redes Sociales; Hogares; Familias; Cacoal

Introdução

Famílias e domicílios não estão imunes às transformações demográficas recentes; ao contrário, contribuem para exprimi-las. Não é fortuito, portanto, que o número de integrantes por domicílio venha progressivamente diminuindo ao longo do tempo. Ora, a queda da fecundidade é um, senão o mais intenso, de seus motores. Curiosamente, a diminuição do tamanho dos núcleos familiares e, quiçá, sua fragmentação, correlaciona-se ao aumento da demanda por domicílios. Portanto, estamos diante de dois processos complementares e combinados, mas que curiosamente soam antagônicos. De um lado, a diminuição do número de integrantes por domicílios, de outro, o aumento de núcleos familiares, maior heterogeneidade entre eles e crescimento da demanda habitacional. Quais, então, as consequências desse cenário de mutações sociais nas relações entre domicílios, na verdade, entre indivíduos e grupos familiares não corresidentes?

Movidos por essas inquietações, especulamos que a reorganização das relações sociais oriundas, sobretudo, da queda da fecundidade, engendra iguais efeitos na maneira como núcleos familiares e domicílios interagem. Por essa razão, lançamos mão do conceito de Redes Pluridomiciliares de Suporte Social (RPSS). Elas são alimentadas por ajudas, suportes e auxílios entre grupos familiares e não familiares que não coabitam, o que acarreta numa rede estendida de domicílios para além daquele que abriga um ou mais núcleos familiares. Imaginamos, portanto, que o espaço e atributos individuais ajudem a compreender o formato e o conteúdo dessas redes. Além desses fatores, acreditamos que características coletivas, especificamente dos núcleos familiares (aparentados ou não), tais como o formato do arranjo domiciliar, sejam decisivas para compreendê-las.

Nesse sentido, estabelecemos algumas clivagens básicas para o desenvolvimento da pesquisa, segundo: localização, renda e arranjos domiciliares. Não são as únicas. Além delas, somam-se escolaridade, idade e sexo dos responsáveis pelos domicílios. Em suma, esperávamos controlar um certo conjunto de fatores, aprofundarmos as interpretações a partir desses insumos e fugirmos de quaisquer causalidades.

Para tanto, operacionalizamos uma pesquisa de campo com grandes superfícies de contato com os Censos Demográficos, sobretudo com seus quesitos do universo. Por certo, havia nuances, justamente pela razão que a problemática que ambicionávamos investigar escapava das fontes

de dados secundários tradicionais. Ainda assim, a amostra é estatisticamente significativa, o que ajuda a generalizar os resultados, ao menos tendo-se em vista o município de Cacoal.

Dividimos o artigo em três principais seções, além dessa pequena introdução e das considerações finais.

Na primeira, esforçamo-nos em circunstanciar os conceitos, principalmente de: domicílio, núcleos familiares, grupos familiares, grupos domiciliares e famílias domiciliares. Aqui, o trabalho de Wajzman (2012) foi axial. Desejávamos destacar a relevância de uma rede assistencial ampliada de domicílios. Confiamos que essa discussão complexifica o próprio sentido de domicílio e espaço de vivência onde as relações sociais do grupo soem ocorrer. O conceito de redes sociais foi oportuno em duas frentes. Por um lado, operacionalizava a pesquisa; por outro, foi essencial para esclarecermos o caráter relacional do fenômeno. Por essa razão, cunhamos o termo Redes Pluridomiciliares de Suporte Social (RPSS). Uma constelação de domicílios voltados à ajuda e compostos por núcleos familiares aparentados ou não, que acabam por subverter a estanqueidade do teto voltado à reprodução física e social dos indivíduos e famílias.

Na seção metodológica, mergulhamos nas técnicas e estratégias para viabilizar a pesquisa, como já comentamos brevemente.

Na terceira, sobre os resultados, há fortes indícios que as RPSS são regidas por localismos dos contatos. Estar próximo faz a diferença, especialmente entre os mais pobres. Que as fontes segundo a natureza dos recursos também são distintas entre os grupos. Que o próprio tamanho das RPSS é peculiar. Certamente estes são pontos candentes sobre, por exemplo, processos de remoção, realocação e reassentamento de populações em áreas de risco.

Último esclarecimento. Optamos por redigir este estudo em primeira pessoa do plural para salientar o caráter coletivo ao produzi-lo. Trata-se do trabalho de várias mãos. Ademais, seria ingênuo pensar que a ciência é perfeitamente neutra. Escrevê-lo desse modo é foi uma opção deliberada de situar-nos, posicionarmos, e, logo, evidenciar vieses de pesquisa.

1. Para além do domicílio; domicílios.

Ser independente não é sinônimo de isolar-se

Devemos ser conscientes de que a instituição família é uma construção social e, como tal, é moldada em função de diversos condicionantes culturais e sociais, estruturais e circunstanciais, coletivos e individuais (APARÍCIO, 2018; BILAC, 2001; WAJZMAN, 2012; GLICK, 1988). Tais elementos se modificam ao longo do tempo e, como aqui imaginamos, do espaço (RUGGLES, 2012). As famílias manifestam-se de modo particular geograficamente, pois acreditamos que o espaço é decisivo para esclarecer a coesão do grupo através de mecanismos de reciprocidade.

Em realidade, a preocupação sobre a relação entre localização, características individuais e familiares e, especialmente, como os recursos circulam nesse meio não é, de modo algum, inédita, sequer na arquitetura e urbanismo (MALLET, 2004).

A antropologia, através de etnografias e outros meios, a realiza com esmero. Há outros exemplos ainda. A transmissão da herança entre determinados grupos é fundamental para entendermos sua distribuição espacial. Não é incomum em determinadas sociedades que terras fossem transmitidas ao primogênito homem. Resta, neste caso, ao restante dos herdeiros procurar outras paragens, o que é determinante para esclarecer a espacialização dos núcleos familiares (GALIZONI, 2016).

Como dissemos, na própria arquitetura e urbanismo a mesma questão ecoa sobretudo naqueles estudos que se debruçam sobre as consequências do reassentamento habitacional nas relações sociais construídas ao longo do tempo entre amigos, vizinhos e familiares (ANDERSON, CHARLES, *et al.*, 2003).

Decerto, há inúmeros outros componentes que ajudam a compreender as mudanças de sentido, significado, conteúdo, tamanho, forma e composição familiar. No entanto, desde já, nos interessa alertar que não desejamos nos perder no esforço praticamente ontológico de revisá-los para compreendê-la. Tampouco, desejamos nos deter no exercício taxonômico de classificá-la, família, em todas suas singularidades. Em suma, trata-se, pois, de sermos conscientes de que devemos entendê-la como uma entidade socialmente dinâmica, particularmente quando a analisamos ao longo do tempo e do espaço. Que circunscrevê-la acarreta imprecisões, limitações e vieses. Que, ainda assim, no presente estudo, trata-se de uma variável analítica que com a qual desejamos agregar o componente espacial às análises para interpretá-la, mapeando diferentes domicílios que abrigam núcleos familiares, aparentados ou não, distintos que vão compor o que aqui chamamos de Rede Pluridomiciliar de Suporte Social, uma teia de domicílios voltados à ajuda material e imaterial de seus integrantes.

Dito isso, acreditamos que seja necessário abordar e articular os conceitos do geral para o particular.

Assim, para Bilac (2001), família é:

[...] entendida, genérica e abstratamente, como uma estrutura social particularista e multidimensional, produto da articulação de relações de gênero e gerações, no âmbito de um sistema de parentesco e de aliança que as organiza e legitima, através de valores, normas e expectativas de comportamento. Esta estrutura tem por objetivo a reprodução quotidiana – material e simbólica – de seus membros assim como a produção de uma nova geração. (BILAC, 2001, p. 14).

Somos sensíveis ao desafio em operacionalizar uma acepção tão ampla. Mapear todas as relações de parentesco, aliança, consanguinidade e adoção é, de fato, trabalhosa, senão impossível. Ora, definir família passa pelo esforço, então, de circunscrevê-la a alguns aspectos. Um deles, à casa. Ainda segundo Bilac (2001):

[...] a casa é a família e a família é a casa, pois casa não é apenas um espaço físico, mas um espaço social, um conjunto de relações sociais definidas, de comportamentos semi-ritualizados que reiteram cotidianamente a individualização de um específico grupo familiar face aos demais. A casa é assim a base territorial que garante a existência do grupo familiar, a contrapartida física das relações sociais que aí se desenrolam (BILAC, 2001, p. 15).

Embora seja uma estratégia válida e corriqueira, limitá-la à moradia, ou melhor, ao domicílio oblitera tanto a natureza da família que extrapola as paredes da habitação, como as características do conjunto de residências que abrigam os diversos núcleos familiares que compõem o grupo familiar. Iguamente oculta que parcela considerável dos recursos não é fornecida por parentes, senão por amigos, vizinhos e outras organizações (igrejas, ongs, poder público, etc.). Desse modo, e se analisássemos os demais domicílios que abrigam o grupo familiar, o que encontraríamos? Imaginamos que, de acordo com características individuais (sexo, idade, renda, escolaridade, cor, etc.), que ilustram qualidades coletivas da família, há diferenças na maneira como os grupos familiares se organizam. Especulamos que essa maneira como se organizam é orientada, inclusive, pela distância física entre os domicílios dos diversos núcleos familiares. Que as localizações geográficas entre eles também diferem. Que há maior dependência ou maior independência nesta rede física de apoios, suportes e ajudas. Adotar a única residência do núcleo familiar como condição *sine qua non* das suas características desconsidera que elas podem ser moldadas segundo a localização geográfica dos parentes e amigos e como ela, localização, influi no conjunto de ajudas, recursos e suportes entre familiares e residências. Em outras palavras: como grupos familiares de diferentes moradias trabalham em conjunto.

Em suma, o contingenciamento da família à residência soluciona desafios de ordem prática, não obstante, condiciona a maneira de enxergá-la, naturalizando e padronizando comportamentos e interpretações destes mesmos hábitos. Trata-se de um senão inerente à escala e à unidade básica

de análise. O que propomos aqui é ampliar ambas, investigar não “O” domicílio, senão “OS” domicílios que trocam recursos entre si.

Aliás, nem todos os participantes da RPSS são compulsoriamente parentes, assim como nem todos os domicílios que se auxiliam são aparentados. Seria ingênuo supor que apenas domicílios aparentados ajudam-se. Domicílios não aparentados igualmente relacionam-se, ao menos com predileções segundo o tipo de recurso.

Wajzman (2012) chama a atenção para a família domiciliar (**Figura 1**). De acordo com a autora, o conceito surge da intersecção dois outros grupos importantes: o grupo familiar e o grupo domiciliar. O grupo familiar é composto por pessoas que possuem relações de parentesco (consanguinidade, parentesco, adoção ou aliança). Esses indivíduos podem estar dispersos geograficamente e experimentarem variados graus de convivência e apoio. Já o grupo domiciliar é definido pela união de pessoas (independente de terem ou não laços de parentesco) que vivem em uma residência (WAJZMAN, 2012).

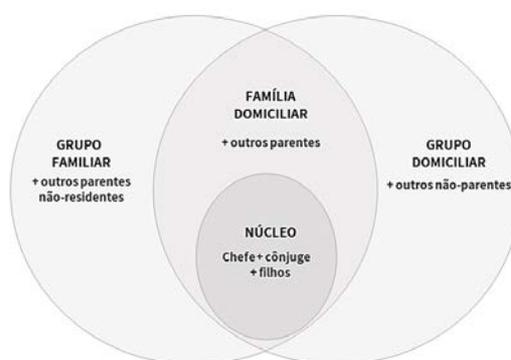


Figura 1. Formação da família domiciliar. Fonte: Adaptado de Wajzman (2012). Elaboração própria.

De acordo com Bender (1967) apud Aparicio (2018), enquanto a definição de família tem por referência básica o parentesco, o sentido de domicílio decorre do local de residência. Segundo o dicionário de dados do Censo Demográfico brasileiro, trata-se de “[...] local estruturalmente separado e independente, que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como tal” (IBGE, 2012).

Por sua vez, a definição de unidade doméstica diferencia-se da definição de unidade de habitação. Bilac (2001), ao versar sobre ela, destaca que é necessário que os indivíduos não apenas morem em uma única residência, urge que compartilhem, também, um orçamento comum:

“[...] na ocorrência de um orçamento comum estão implícitas obrigações e direitos, constrangimentos e possibilidades configurando hierarquias que organizam as relações entre moradores” (BILAC, 2001, p. 2).

Por que achamos oportuno revisitar, embora muito superficialmente, esses conceitos? Porque eles se atêm a um específico espaço físico, não há uma rede de espaços voltados à reprodução física e imaterial da família. Desejamos enriquecer a discussão. Por exemplo, não nos limitamos exclusivamente ao orçamento, senão a outras ajudas, fossem elas materiais ou imateriais. Seria inverossímil pensar que elas são tão endógenas a ponto de só ocorrerem no interior dos domicílios.

Medeiros e Osório (2001) complementam essa ideia ao demonstrarem que mesmo com a separação espacial, os indivíduos, em geral, seguem convivendo e que a distribuição de trabalho e recursos consiste em elemento importante na organização de suas vidas.

Murphy (2008) também aborda a maneira como as relações individuais se desenvolvem para além das redes de parentesco e contatos externos ao domicílio. Em todos os cenários possíveis, as

redes extrapolam os limites do domicílio, fossem através de relações de parentesco ou não (Figura 2).

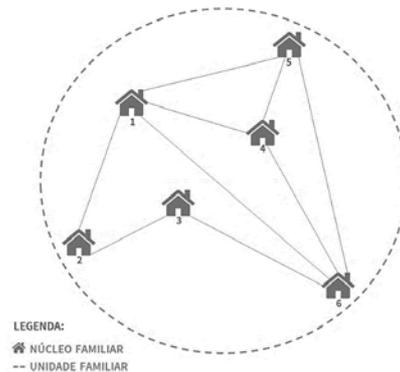


Figura 2. Exemplo de Rede Pluridomiciliar. Fonte: Elaboração própria.

A ilustração sintetiza o que passaremos a chamar de Rede Pluridomiciliar de Suporte Social (RPSS), isto é, o conjunto de domicílios e unidades de habitação envolvidas coletivamente no compartilhamento de recursos, ajudas, suportes e apoios, físicos e imateriais. Estamos, então, versando sobre grupos domiciliares que abrangem relações intradomiciliares de parentesco ou não aparentadas (WAJNMAN, 2012). Da mesma maneira, as relações externas ao domicílio independem das suas relações de parentesco, embora acreditemos que, segundo a natureza dos recursos, elas persistam hegemônicas. De uma maneira ou de outra, importa dizer que esclarecer os mecanismos de reprodução do grupo domiciliar passa por investigar as relações de apoio que o mantêm para além dos limites do domicílio que o abriga. Por mais contraditório que possa soar, a independência do grupo familiar, inclusive tendo-se em vista o desejo de residir em domicílio separado, passa pela colaboração com outros grupos domiciliares, logo, com outros domicílios.

Pode soar paradoxal, mas talvez devêssemos reinterpretar o conceito de unidade doméstica a partir do seu plural. Em linhas gerais, ser independente prescindir de isolar-se.

2. Redes de Suporte Social

Pontes que ligam. Canais que abastecem.

De acordo com Watts (2009), as redes consistem no agrupamento de objetos conectados entre si de alguma maneira. Essa generalização do termo torna-o difícil de ser definido com rigor, mas, no primeiro momento, essas relações podem ser identificadas como conexões ou caminhos em que mensagens e auxílios circularão (FRANCO, 2008).

Hanneman e Riddle (2005) apontam que não há nada de incomum nos dados sobre redes, a diferença é que os analistas utilizam uma linguagem especializada para descrever seus conteúdos e sua estrutura. Dessa maneira, ao invés de pensar nos atributos dos atores (sexo, idade, escolaridade etc.), as análises de rede centram-se nas características das conexões.

“Os atores são descritos por suas relações, não por seus atributos. E as próprias relações são tão fundamentais quanto os atores que elas conectam” (HANNEMAN e RIDDLE, 2005, p. 4).

Há outras particularidades à medida em que o conhecimento do campo é aprofundado. De acordo com Wrzus et al. (2013), existem diferentes tipos de redes sociais que se distinguem em função da abrangência dos relacionamentos: Rede total ou global, compreende todas as relações sociais existentes de um indivíduo; Rede pessoal, consiste em uma sub-rede de relacionamentos mais próximos da rede total; Rede egocêntrica, diz respeito às redes individuais centradas a partir de um indivíduo específico.

Outra delimitação das redes e que será particularmente importante no presente estudo. Bengtson (2001) chama a atenção para as “redes de parentesco latente”. Nada mais são que redes de ligações em constante mudança, com potencial de ativação e intensificação em tempo de necessidade. As redes, portanto, são dinâmicas ao longo do tempo e do espaço, em constante transformação e com contatos sendo mais valiosos em determinadas situações e períodos e em relativa hibernação em outras circunstâncias.

O que poderia ativá-los? Cunha (2014) afirma que situações marcantes e contextuais – por exemplo, uma grande crise econômica – podem promover maior mobilização das redes de apoio. De modo geral, há indivíduos que, pelas suas características, dependeriam mais delas, ainda que momentaneamente. E, que, de acordo com as mesmas características, recorreriam usualmente a determinados contatos e não outros. Em suma, há seletividades em função das necessidades e momentos tanto em relação aos dependentes dos auxílios, quanto daqueles que os fornecem.

Ademais, Wrzus et al. (2013) reforçam que um leque de eventos biológicos, sociais e físicos orientam as alterações nas redes de suporte social: casamento, ingresso no mercado de trabalho, viuvez, maternidade entre outros. Ou seja, as relações se transformam não só segundo eventos gerais e circunstanciais, senão ao longo do curso de vida e do ciclo de vida familiar, dos tempos biológicos e sociais de indivíduos e famílias. Isso pode explicar os porquês domicílios compostos por idosos podem ser mais dependentes de domicílios mais jovens. Embora os distintos núcleos familiares não corresidam na prática, ambos os domicílios se comportam como se fosse um.

No presente estudo, buscamos a interação entre grupos domiciliares e domicílios e presumimos que boa parte deles é composto por núcleos familiares e, quiçá, grupos familiares (não corresidentes). Utilizaremos as terminologias “redes de suporte”, “apoio” e “ajuda” como sinônimos. Assim, é inegável que nos limitamos a um tipo muito particular de rede: aquelas que são exclusivamente instrumentais, que fornecem algo a alguém.

Pressupomos que se tratam de redes mais coesas e endógenas, tendo os contatos de parentesco, aliança, consanguinidade e adoção grande importância para elas. Não queremos dizer com isso que elas são compostas exclusivamente por essa classe de relação social, mas que eles desempenham relevante papel em mantê-las. E, assim, conjecturamos que o grupo familiar, disperso em domicílios distintos, na verdade, se comporta como uma única entidade. Imaginamos que mapear esses tipos de contatos nos ajuda a entender os processos decisórios intra e inter domicílios; por exemplo, a própria localização e distância física entre eles.

Essas solidariedades e ajudas funcionam, então, com base em uma rede de domicílios, “[...] não são somente redes de pessoas, mas também redes de circulação de uma grande variedade de bens, variando igualmente o volume e a direção topológica dos fluxos consoante o tipo de bens trocados” (VASCONCELOS, 2002, p. 3). Um corolário de portos seguros.

3. Materiais e Métodos

3.1. Recorte Territorial

Por que Cacoal?

No que concerne a abordagem, a pesquisa é eminentemente quali-quantitativa. Fomos obrigados a desenhá-la desta forma dada a inexistência de dados e fontes secundárias que vinculem os domicílios entre si ou mapeiem as redes que os unem, tampouco os recursos que os alimentam.

Selecionamos Cacoal, pois imaginávamos que as redes de suporte social entre seus domicílios poderiam apresentar singularidades segundo seu porte demográfico, sua localização geográfica (no interior brasileiro) e por pertencer à Região Norte, pouco estudada a partir do prisma demográfico e de acordo com o nível de desagregação territorial que ambicionávamos.

3.2. População e amostra

Quem necessita? Quem ampara?

Na definição da amostra optamos por adotar uma clivagem em função da variável renda domiciliar. Selecionamos, então, dois estratos: o decil mais carente, até 1/8 de salário-mínimo (variável V005 dos Dados Agregados por Setores Censitários 2010) e o mais abastado, acima de 10 salários-mínimos (variável V013 dos Dados Agregados por Setores Censitários 2010). Pretendíamos retratar o funcionamento das RPSS quando constrangidas por carências financeiras. Imaginávamos que os estratos de menor renda são mais dependentes de seus contatos extradomiciliares. Presumíamos, portanto, que suas redes eram mais amplas e, quiçá, mais diversificadas (amigos e vizinhos). Por outro lado, acreditávamos que a menor vulnerabilidade dada pela própria condição privilegiada do decil mais rico, tornava-o independente das RPSS, ao menos como estratégia de sobrevivência.

Em adição, a seleção dos mais ricos e mais pobres combinou-se à questão espacial. É dizer, eles foram selecionados segundo seus locais de residência, ou seja, setores censitários que apresentavam as maiores e menores médias de rendimento domiciliar (**Figura 3**). Para identificá-los adotamos os Dados Agregados por Setores Censitários do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Acreditamos que a estratégia combinatória, ao vincular espaço e renda, foi particularmente importante para esclarecermos, como veremos mais à frente, que a distância física entre domicílios requerentes e ofertantes de ajudas contribui para explicar a forma das RPSS e a intensidade de suas trocas.

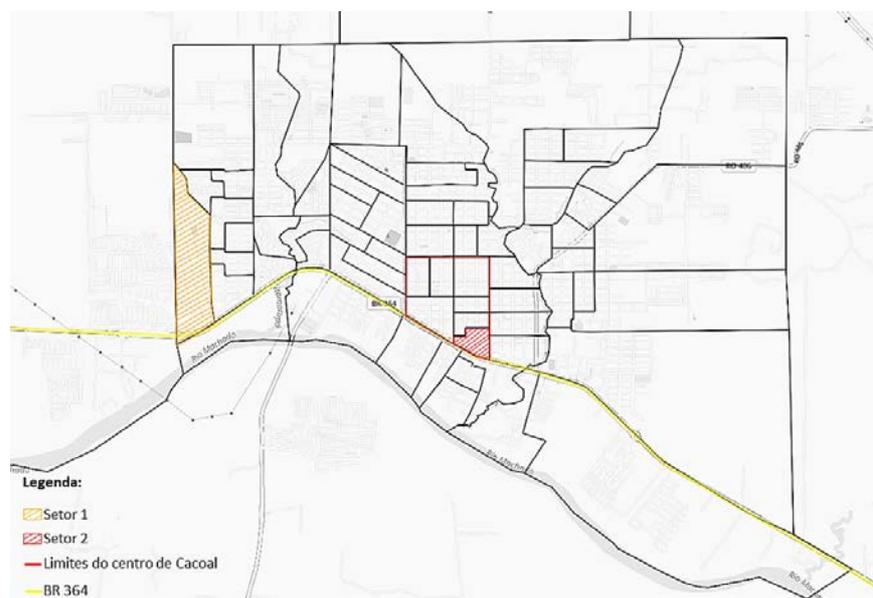


Figura 3. Setores Censitários segundo Rendimentos Domiciliares, Decil de menor e maior rendimento, Cacoal, 2020. Fonte: Dados Agregados por Setores Censitários 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Elaboração própria.

Por último, calculamos a amostra com base no número de domicílios de cada um dos setores selecionados. Esse processo ocorreu a partir da aplicação da fórmula do Teorema do Limite Central (**Figura 4**).

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{(N - 1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}$$

Figura 4. Teorema do Limite Central. Fonte: Levin (1987). Elaboração própria.

Onde:

- (n) equivale ao tamanho da amostra a definir
- (N) corresponde ao tamanho do universo investigado, que nesse caso será 111 domicílios para o Setor 1 e 128 domicílios para o Setor 2
- (Z) consiste no valor crítico relacionado ao nível de confiança desejado na amostra, que nesse caso é 95%, assim, o valor crítico é de 1,96
- (e) equivale à margem de erro da amostra, com valor 5%, e, por último,
- (p) corresponde às possibilidades de resposta dos entrevistados, que podem aceitar ou não participar da pesquisa – adotamos, então, 50% (LEVIN, 1987).

A partir da aplicação da fórmula, entrevistamos 90 domicílios no Setor 1 e 100 domicílios no Setor 2.

Porém, não podemos nos esquecer que se trata de uma pesquisa que tenta captar redes de apoio. Desse modo, como mapeá-las? Coletamo-las a partir de fontes primárias, visto que as informações sobre elas inexistem em tradicionais fontes secundárias de dados.

É possível adotar diferentes metodologias para captá-las. O método que assumimos é o de mapeamento da rede egocentrada. Nele, os contatos-alterados mapeados referem-se apenas ao ego. Em geral, o responsável pelo domicílio configurou-se como o principal ego das RPSS. Apesar desse método não representar todas as relações da rede de suporte, Hanneman e Riddle (2005) não o desqualificam.

“Podemos saber, por exemplo, que alguns atores têm muitos amigos e parentes próximos e outros, poucos. Sabendo disso, somos capazes de entender algo sobre as diferenças nos lugares dos atores na estrutura social e fazer algumas previsões sobre como esses locais restringem seu comportamento. O que não podemos saber com dados centrados no ego com certeza é a natureza da macroestrutura ou de toda a rede” (HANNEMAN e RIDDLE, 2005, p. 10).

Enfim, estamos cientes de que a estratégia que adotamos envia as características da RPSS segundo os atributos e a perspectiva dos responsáveis por domicílios.

Mesmo com senões, a captação dos dados ocorreu por meio da aplicação de questionário a um integrante da unidade, com mais de 18 anos de idade, preferencialmente o responsável ou cônjuge, quando o primeiro não estava presente. Ou seja, esforçamo-nos por vocalizar outros egos, diminuindo os efeitos de seletividade dos entrevistados. Embora as respostas do questionário estejam centradas na percepção de um entrevistado, esses foram orientados a identificar os contatos gerais mais significativos do grupo domiciliar. Ou seja, o entrevistado era estimulado a resgatar as relações dos demais integrantes do domicílio; é dizer, do cônjuge, dos filhos, dos demais parentes, etc.. Este foi um modo de tentarmos remediar o viés do responsável pelo domicílio como ego predominante da rede. Em realidade, pretendíamos aplicar o questionário a todos os integrantes do domicílio. Dessa maneira, a RPSS seria fidedigna ao grupo domiciliar. Contudo, é preciso lembrar que se trata de uma amostra de 190 domicílios, ou seja, a aplicação de novos questionários provocaria um crescimento exponencial dos entrevistados.

A primeira parte do questionário foi composta com base no questionário básico do Censo Demográfico do IBGE, que consiste em caracterizar a unidade doméstica e os arranjos domiciliares. Isso significa que, nessa etapa, além das informações do participante, foram coletados também os dados básicos (sexo, idade, estado civil, escolaridade, situação de ocupação e relação com o responsável pelo domicílio) dos demais integrantes do domicílio. Como já salientamos, o objetivo principal do estudo é esclarecer as vinculações entre diversos domicílios,

ou seja, a unidade doméstica ampliada, ou simplesmente a RPSS. Entretanto, como advogamos até o momento, compreendê-las significa levantar as características individuais de quem as integram.

A segunda etapa consistiu no mapeamento da RPSS em si. Adotamos a técnica de gerador de nomes, muito usual inclusive, em que o entrevistado indica o nome dos indivíduos com quem estabelece relações sociais segundo algumas dimensões. As categorias de apoio social construídas por Barrera (1980) foram fundamentais para tanto:

- a) Participação social: interações sociais para lazer, diversão e relaxamento;
- b) Interação íntima: preocupações e sentimentos pessoais são trocados;
- c) Orientação: informações e dicas em geral;
- d) Feedback: fornecer aos indivíduos informações sobre si mesmos;
- e) Auxílio material: ajuda material em dinheiro ou outros objetos;
- f) Assistência física: divisão de tarefas, cuidado com crianças ou idosos.

Trata-se de uma simplificação, é verdade, do universo de recursos e naturezas de relações sociais, embora os temas contemplem boa parte das interações mais costumeiras.

Na terceira seção do questionário objetivávamos caracterizar a RPSS. Assim, a partir dos nomes anteriormente listados, solicitamos que o entrevistado classificasse a relação entre ele e o contato, tipificando-a; por exemplo, se o contato é pai, mãe, cunhado(a), amigo(a), neto(a) etc. Nas situações em que a relação era extra domicílio, pedimos também o endereço desse contato. Desse modo, foi possível localizá-lo com medidas euclidianas, isto é, identificando a distância entre os domicílios que trocavam recursos.

Por fim, na quarta seção do questionário, desejávamos investigar a coresidência, a fim de identificar a presença ou não de mais de um núcleo familiar no mesmo domicílio, bem como as razões que levaram a essa união ou a intenção de se separarem no futuro. Enfim, pretendíamos esclarecer as razões para a dispersão ou concentração geográfica das RPSS segundo a propensão de fusão ou fragmentação dos núcleos familiares (**Figura 5**). Para elaboração dessa etapa, apoiamos-nos em alguns quesitos do Manual de Entrevista da PNAD 2008.

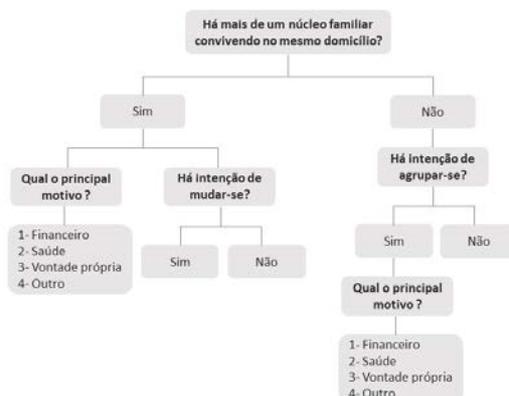


Figura 5. Questionário, Quesitos de Coresidência, 2020. Fonte: Elaboração própria.

Para elaboração dos grafos das redes de suporte social, utilizamos o programa “Gephi”, um software gratuito, destinado à visualização e à interpretação de redes.

4. Resultados e discussões

4.1. Caracterização física e populacional das regiões de estudo

Padrão urbano de ocupação e perfil dos entrevistados segundo idade e renda

Optamos por iniciar a seção de resultados a partir de uma contextualização mais detalhada sobre os setores de estudo. Afinal, o meio ajuda a explicar as relações sociais que aí se dão.

O Setor 1 está localizado nos limites do perímetro urbano e é composto por 111 domicílios. Habitações unifamiliares horizontais o ilustram (**Figura 6**).



Figura 6. Conjunto Urbano de Domicílios do Setor 1, Cacoal, 2020. Fonte. Arquivo próprio.

Já o Setor 2 trata-se de uma pequena área inserida na região central da cidade, apresentando 128 domicílios. O centro de Cacoal é delimitado pela BR-364 e consiste na região de maior concentração de comércios, serviços e instituições financeiras. Além disso, é a região mais valorizada em termos imobiliários da cidade.

No geral, a maior parte dos domicílios inseridos no Setor 2 é de edificações multifamiliares, principalmente de uso misto, onde encontramos comércio no térreo e residências nos demais pavimentos (**Figura 7**).



Figura 7. Conjunto Urbano de Domicílios do Setor 2, Cacoal, 2020. Fonte. Arquivo próprio.

Com base nos dados por Setores Censitários de 2010, as regiões estudadas possuem, ao todo, 239 domicílios. Lembramos que a amostra foi composta de 190 domicílios, 90 para o Setor 1 e 100 para o Setor 2. Isto é, ela representa aproximadamente 80% dos domicílios de ambos os setores. Algo digno de nota.

No Setor 1, 53,33% dos entrevistados são responsáveis pelo domicílio, 44,44% são cônjuges e apenas 2,22% dos entrevistados, filhos. No Setor 2, 60% são responsáveis, 26%, cônjuges, 13%, filhos e 1%, sogros(as).

Boa parte dos domicílios do Setor 1 apresentam rendimento domiciliar entre 1 e 2 salários-mínimos. Aliás, ali, o rendimento domiciliar per capita médio é de aproximadamente R\$ 857,00 (**Tabela 1**).

Tabela 1. Total de Rendimentos Domiciliares segundo Faixas de Salário-Mínimo, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020

Rendimento	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Até 1 salário	22,47	5,21
1 a 2 salários	31,46	8,33
2 a 3 salários	21,35	10,42
3 a 5 salários	21,35	21,88
5 a 10 salários	3,37	35,42
10 a 15 salários	0	10,42
Acima de 15 salários	0	8,33
Total	100	100

Fonte: Pesquisa de Campo (2020). Elaboração e tabulação próprias.

No Setor 2, a faixa de renda mais expressiva em termos relativos (35,42%) é a de domicílios com rendimento domiciliar total entre cinco a dez salários-mínimos. A média de rendimento domiciliar per capita no Setor 2 é de aproximadamente R\$ 2.900,00, mais de três vezes a renda domiciliar per capita média do Setor 1. Além disso, enquanto no primeiro setor nenhuma das unidades possuem rendimentos acima de 10 salários mínimos, no setor 2, 10,42% delas declararam renda total domiciliar entre 10 e 15 salários e 8,33% rendimentos acima de 15 salários.

Em relação à faixa etária (**Tabela 2**), no Setor 1, a idade dos entrevistados é um pouco mais homogênea e distribuída, principalmente entre as faixas etárias mais jovens. Ali, a idade média dos entrevistados é de 44 anos. Já no Setor 2, observamos que os entrevistados são mais envelhecidos do que aqueles do Setor 1. Afinal, a idade média ali é de 52 anos.

Tabela 2. Idades segundo Faixas Etárias, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020

Faixa etária	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
18 a 23	3,33	5
24 a 28	13,33	5
29 a 34	18,89	6
35 a 39	10	9
40 a 44	7,78	8
45 a 49	11,11	5
50 a 54	12,22	11
55 a 59	5,56	13
60 a 64	10	9
65 a 69	4,44	12
70 a 74	1,11	8
75 a 79	1,11	5
80 ou mais	1,11	4
Total	100	100

Fonte: Pesquisa de Campo (2020). Elaboração e tabulação próprias.

Podemos perceber que, de fato, o perfil dos residentes dos setores censitários escolhidos é consideravelmente diferente entre si. Nesse sentido, nos parece que a estratégia para selecioná-los foi acertada. Ademais, a literatura sugere que as redes de suporte social são diferentemente utilizadas segundo a idade e renda dos envolvidos. Em geral, idosos dependem mais delas (OCA, 1999), enquanto os mais abastados menos. Cabe esclarecer como a combinação entre idade, renda e localização manifesta-se nos arranjos domiciliares.

4.2. Arranjos domiciliares

Formas de organização do grupo domiciliar

Acreditamos ser importante avaliar a frequência dos arranjos domiciliares dos distintos recortes territoriais que ambicionávamos investigar (**Figura 8**). Para tanto utilizamos cinco classificações: 1) Unipessoal; 2) Casal sem filhos; 3) Casal com filhos; 4) Monoparental e 5) Família Estendida. Vale reforçar que entendemos essas categorias como divisões práticas para o mapeamento do objeto que pretendemos estudar. De modo algum são as únicas composições existentes.

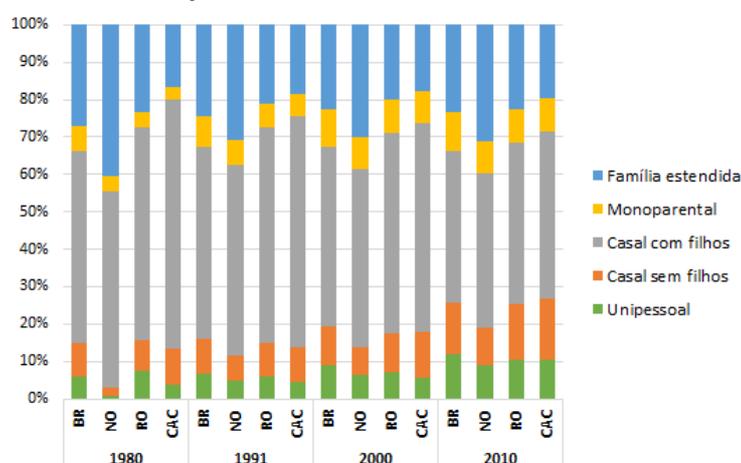


Figura 8. Arranjos Domiciliares, Cacoal, Rondônia, Norte, Brasil, 1980, 1991, 2000, 2010. Fonte: Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Elaboração própria.

A partir do gráfico, é possível identificar que, no Brasil, o arranjo domiciliar Casal com Filhos consiste no modelo mais comum ao longo do século XX. Contudo, esse modelo vem perdendo importância relativa (-10,6% ao longo do período), embora permaneça preponderante.

Os dados referentes à Região Norte, a Rondônia e a Cacoal apresentam a mesma tendência de queda relativa dos Casais com Filhos, ainda que as velocidades e intensidades de diminuição difiram.

O arranjo correspondente à Família Estendida consiste no segundo mais incidente em todas as áreas. Nos quatro recortes, é possível identificar um crescimento no número de Famílias Estendidas (dois ou mais núcleos familiares – aparentados ou não – corresidindo) na década, principalmente no Estado de Rondônia e no município de Cacoal.

Se os Casais com Filhos perdem importância relativa, quais arranjos passam a se destacar? Certamente os Unipessoais, os Casais sem Filhos e os Monoparentais.

Mas esta é uma visão muito geral da maneira como os indivíduos se organizam em seus domicílios. Resta saber a composição dos arranjos segundo os Setores Censitários investigados (**Figura 9**).

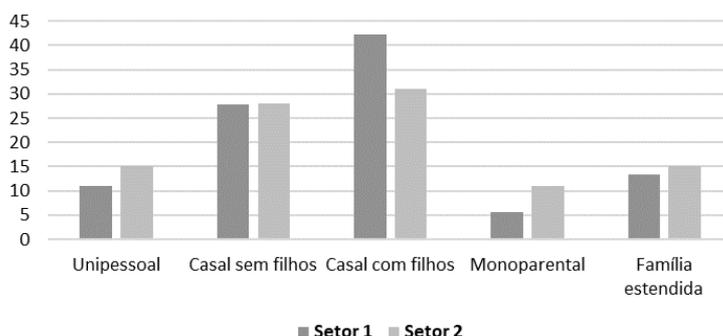


Figura 9. Arranjos Domiciliares, Setor 1, Setor 2, 2020. Trabalho de Campo (2020). Elaboração própria.

Identificamos que os Casais com Filhos, assim como nas grandes regiões detalhadas anteriormente (Brasil, Norte, Rondônia e Cacoal), lideram a forma geral dos arranjos domiciliares, com 42,2% de participação no Setor 1 e 31%, no Setor 2. A diferença entre eles supera os 10%, o que é digno de nota e, sobretudo, estatisticamente significativo.

Os Setores Censitários estudados possuem índices bem elevados de Casais sem Filhos, 27,8% no primeiro e 28% no segundo, praticamente idênticos entre si, porém, valores muito superiores ao estado e ao próprio município.

No caso do Setor 1, esse resultado pode estar ligado com a fase inicial do ciclo de vida familiar, também chamado por Cerveny e Berthoud (1997) como fase de aquisição, já que ao revisitarmos os dados sobre a idade dos entrevistados, a idade média do Setor 1 é inferior àquela do Setor 2. Dessa forma, especulamos que a idade é determinante para entendermos a organização dos arranjos domiciliares. Não parece casual, portanto, que a proporção de Unipessoais no Setor 2 (15%) seja maior do que a do Setor 1 (aproximadamente 10%). Possivelmente trata-se de Unipessoais envelhecidos. Igualmente não é fortuita a distância entre as frações de Casais com Filhos entre os Setores estudados.

Por último, temos o arranjo Família Estendida. As diferenças não são expressivas, 13,3% no Setor 1 e 15% no Setor 2, mas novamente as razões parecem girar em torno do fator idade, uma vez que a coresidência como estratégia de sobrevivência econômico-financeira não condiz com os maiores rendimentos do Setor 2.

4.3. Análise das redes de suporte social

Estou logo ali

A dimensão (tamanho) das redes é dada pelo número de contatos ou número de nós que vão compô-la, excluindo o ego (entrevistado). Num mundo onde é cada vez mais fácil conectar-se virtualmente, a assistência pode provir de fontes inesperadas. Ainda assim, certamente o espaço é decisivo para condicionar-lhes o tamanho, mas evidentemente não é o único fator. (**Tabela 3**).

Tabela 3. Tamanho das Redes de Suporte segundo Quantidade de Contatos, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020

Nº de contatos	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
1 a 3 contatos	0	5
4 a 6 contatos	17,78	28
7 a 9 contatos	41,11	48
10 a 12 contatos	32,12	14
13 a 15 contatos	5,56	3
Acima de 15 contatos	3,33	2
Total	100	100

Fonte: Pesquisa de Campo (2020). Elaboração e tabulação próprias.

Ao agruparmos a quantidade de contatos em apenas duas classes, 1) até 9 contatos e 2) 10 ou mais, o comportamento das RPSS é significativamente diferente entre os Setores. No Setor mais carente, 1, as redes são maiores; já no 2, menores. Inicialmente especulamos que a diferença nos tamanhos das redes dialoga com o tamanho das famílias entre setores. Entretanto, os dados sobre fecundidade e número médio de residentes por domicílio não sugerem diferenciais expressivos segundo renda. Nesse sentido, conjecturamos que as RPSS dos mais pobres são, em geral, maiores, simplesmente porque eles são mais dependentes delas. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência, uma vez que não dispõem dos meios físico-econômicos necessários para suprirem suas necessidades via mercado.

Mas onde encontram-se esses contatos (**Tabela 4**)?

Tabela 4. Localização dos Contatos, Setor 1, Setor 2, Cacoal, 2020

Localização	Setor 1 (%)	Setor 2 (%)
Mesmo domicílio	13,0	18,0
Mesma quadra	9,0	5,0
Bairros do setor	28,0	19,0
Bairros limítrofes	3,0	11,0
Demais bairros	27,0	26,0
Zona rural	4,0	5,0
Outras cidades	11,0	9,0
Outros estados	3,0	4,0
Outros países	1,0	1,0
Não souberam/não informaram	0,0	2,0
Total	100	100

Fonte: Pesquisa de Campo (2020). Elaboração e tabulação próprias.

Não há diferenças percentuais estatisticamente significativas entre as RPSS de ambos os setores, senão em duas situações. Os contatos das RPSS do Setor 1 limitam-se ao próprio setor. Enquanto as fontes de apoio das redes do Setor 2 transbordam seus limites. Além de serem maiores e limitarem-se ao setor, as RPSS do Setor 1 circunscrevem-se à casa. As redes pluridomiciliares do Setor 2 são menores e relativamente mais dispersas.

A partir das informações obtidas por meio da aplicação do questionário, foi possível desenvolver a representação gráfica das redes de suporte. Durante a pesquisa, selecionamos cinco moradores de cada setor segundo critérios de renda e em função do arranjo domiciliar do qual participavam (**Tabela 5**). Neste artigo, revisitamos apenas alguns casos notórios.

Tabela 5. Entrevistados por Setores Censitários segundo idade, renda e arranjo domiciliar

Setor	Entrevistado	Idade	Renda domiciliar	Arranjo domiciliar
1	S1-19	60 anos	1039,00	Casal sem filhos
	S1-22	26 anos	2500,00	Casal com filhos
	S1-39	54 anos	700,00	Família estendida
	S1-63	33 anos	3117,00	Monoparental
	S1-69	58 anos	1039,00	Unipessoal
2	S2-01	57 anos	20000,00	Família estendida
	S2-55	26 anos	5000,00	Casal com filhos
	S2-73	33 anos	7000,00	Unipessoal
	S2-88	60 anos	10000,00	Casal sem filhos
	S2-94	51 anos	4000,00	Monoparental

Fonte: Pesquisa de Campo (2020). Elaboração e tabulação próprias.

Antes de iniciar as análises, aproveitamos para esclarecer algumas informações presente nos grafos. Conforme demonstrado na legenda, as redes são compostas pelo ego (entrevistado) e por contatos que podem ser: parentesco, amigos ou vizinhos. Cada novo contato é dado por outro nó, alter, ligado ao ego. Não chegamos a investigar se os alteres relacionam-se, dados os limites da pesquisa. Porém, em realidade, cada nó, ego ou alter, representa mais do que o indivíduo em si; ilustra o domicílio do qual faz parte. Outro elemento importante é que a espessura das arestas (linhas) indica o grau de intensidade da relação entre os nós e o ego, ou seja, arestas mais espessas significam que o nome desse contato apareceu mais vezes no questionário.

O grafo a seguir (Erro! Fonte de referência não encontrada.) representa a rede do domicílio S1-63, mulher de 33 anos residente no Setor 1, divorciada, graduada e que trabalha como técnica de enfermagem. O arranjo domiciliar é monoparental, a entrevistada possui dois filhos, um de 15 anos, cursando o ensino médio, e outro de 8 anos, que está no ensino fundamental. O rendimento total domiciliar é de R\$ 3117,00.

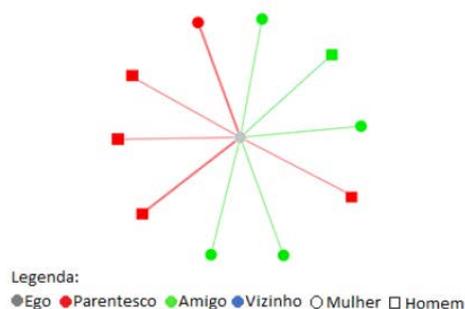


Figura 10. Rede Pluridomiciliar de Suporte Social de S1-63. Pesquisa de campo (2020). Elaboração própria.



Figura 11. Localização dos contatos da Rede Pluridomiciliar de Suporte Social de S1-63. Pesquisa de campo (2020). Elaboração própria.

A rede é composta por dez contatos, sendo cinco amigos e cinco parentes, incluindo os dois filhos da entrevistada, dois irmãos e o pai. A intensidade das relações, nesse caso, é mais homogênea, um grau mais acentuado pode ser observado na relação estabelecida com o filho que reside no mesmo domicílio, em cuidados com a casa, e com irmão mais novo. Já com irmã, em relações voltadas à orientação e a devolutivas (feedback). É a rede que apresenta maior quantidade de amigos dentre os entrevistados do setor.

De acordo com o mapa de espacialização (Erro! Fonte de referência não encontrada.) o domicílio S 1-63 não possui contatos localizados na escala da quadra, embora boa parte de sua RPSS concentre-se no próprio Setor 1. Em um dos bairros, que integram o setor, estão localizados alguns de seus amigos, sua irmã e seu irmão. Alguns outros poucos amigos residem fora do setor. O contato localizado fora do perímetro urbano de Cacoal é o pai da entrevistada, que reside na zona rural e lhe fornece, eventualmente, dinheiro.

Por outro lado, no Setor 2, a maior parte das redes possuem contatos mais dispersos, localizados em regiões diversas, como por exemplo, a do domicílio S2-88 (Erro! Fonte de referência não encontrada.).

Trata-se de um casal sem filhos; o entrevistado, um homem de 60 anos, casado, com ensino médio e autônomo (vendedor). Sua esposa, 60 anos, ensino médio, é igualmente vendedora. O rendimento total domiciliar é de R\$ 10.000,00. Essa rede é formada por oito contatos, sendo dois de parentesco e seis de amigos. Os contatos de parentesco são os que apresentam maior intensidade na rede – no caso, o filho e a filha do casal.

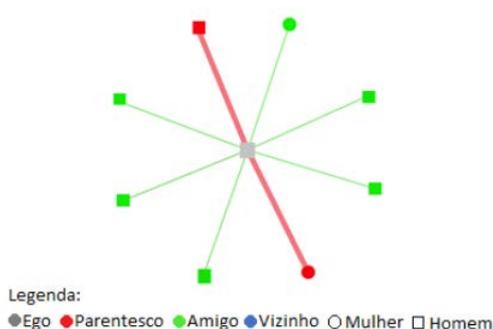


Figura 12. Rede Pluridomiciliar de Suporte Social de S2-88. Pesquisa de campo (2020). Elaboração própria.

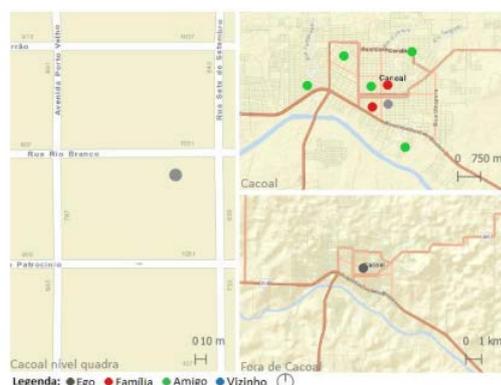


Figura 13. Localização dos contatos da Rede Pluridomiciliar de Suporte Social de S2-88. Pesquisa de campo (2020). Elaboração própria.

Novamente na rede S2-88 não há presença de contatos nas proximidades do domicílio. No bairro Centro, estão localizados os filhos do casal e também dois contatos de amizade. Os demais são amigos distribuídos em diversos bairros de Cacoal. Trata-se de uma rede ligeiramente menor ao compará-la a anterior. Além disso, ainda que as qualidades individuais (indivíduos mais envelhecidos) nos fizessem acreditar, num primeiro momento, que o ego seria mais dependente de relações de parentesco, não é o que os dados demonstram. Nesse sentido, talvez as RPSS do Setor 1 sejam mais homofílicas.

Considerações finais

Os dados demonstram que as RPSS tendem a ser maiores em áreas mais carentes. Ser maior, no entanto, não é o mesmo que ser mais diverso. Se presumirmos que os contatos familiares guardam semelhanças, inclusive, sócio-culturais, entre si, então, em realidade, elas são mais homofílicas. Além disso, a natureza do apoio é distinta. Ali, boa parte dos recursos soem gravitar em torno dos auxílios físicos-financeiros; dinheiro, especialmente. Parece-nos que a necessidade urge nesses domicílios e bairros. Não é casual, portanto, que boa parte da RPSS se limite às divisas do Setor Censitário. O espaço de vivência segundo apoios lhes é bem circunscrito. A carência acaba por atá-los por proximidade. Ao mesmo tempo, é essa mesma cercania que assegura as condições mínimas de sobrevivência, tornando-lhes menos vulneráveis aos riscos. Assim, a relação RPSS e distância espacial entre domicílios pode ser entendida como ativo. Trata-se de assunto sensível aos projetos de reassentamento habitacional. Realocá-los pode significar desorganizá-los.

Nesse sentido, ao menos segundo a dimensão da ajuda, os domicílios se comportam como uma unidade de consumo através do compartilhamento de alimentos ou mesmo de orçamentos. Não é possível dizer que seus integrantes compõem a mesma unidade doméstica, afinal não dividem o mesmo teto, mas afora a coresidência (o que, decerto, não é pouco) se comportam como tal. A fragmentação das unidades domésticas e sua dispersão espacial é, portanto, limitada segundo carências e urgências de apoio, o que relativiza a independência dos conceitos de domicílio, unidades de consumo, etc..

Mesmo características individuais que poderiam tornar domicílios mais dependentes entre si, como o próprio envelhecimento dos seus residentes, não foram suficientes para subverter a natureza dos provedores, dos recursos e, principalmente, a localização das suas redes de apoio. Decerto, há nuances e não pretendemos ser dualistas, mas, ainda assim, as necessidades e emergências, irmãs do critério renda, parecem explicar com maior acurácia a situação dos domicílios no espaço.

Em resumo, acreditamos que as RPSS ilustram um conjunto de portos seguros e que, por motivos óbvios, não são perfeitamente móveis no espaço. Distanciar-se deles significa assumir riscos. Perigos que podem ser determinantes à condição de vulnerabilidade e aos anseios de mobilidade social ascendente dos indivíduos e famílias.

Os mais carentes arvoram-se nessa teia de domicílios, não por medo, senão por falta de alternativas, seja porque o Estado não os atinge, seja porque o Mercado não os reconhece como demanda solvável. Assim, embora os meios de comunicação tenham fortalecido novas formas de auxílio que relativizam a distância geográfica, a proximidade parece ser uma dimensão difícil de ser superada entre os mais pobres. Um equilíbrio frágil que reconstrói e, principalmente, ressignifica, de outras maneiras, o ideal do teto que protege a todos.

Referências

- ANDERSON, L. M. et al. Providing affordable family housing and reducing residential segregation by income: a systematic review. **American journal of preventive medicine**, 2003. 47-67.
- APARÍCIO, C. A. P. Notas sobre a operacionalização dos conceitos de família e domicílio na PNAD e na PCV. **Textos Nepo (UNICAMP)**, p. 1-55, 2018.
- BARRERA, M. A method for the assessment of social support networks in community survey research. **Connections**, p. 8-18, 1980.
- BENGTSON, V. L. Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. **Journal of Marriage and Family**, p. 1–16, 2001.
- BILAC, E. D. **Estruturas familiares e padrões de residência**. Campinas. 2001.
- CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- CUNHA, A. D. **Conte Comigo: A migração abrindo portas. Migração Interna, Redes de Suporte Social e Vulnerabilidade Social na Região Metropolitana de Campinas**. Campinas: IFCH-UNICAMP, Tese (Doutorado em Demografia), 2014.
- FRANCO, A. **Escola de Redes: novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a internet, a política e mundo globalizado**. Curitiba: Escola de Redes, 2008.
- GALIZONI, F. M. **Migrações e rede familiares no alto Jequitinhonha, Minas Gerais**. Anais do XX Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP). Foz do Iguaçu: ABEP. 2016. p. 16.

- GLICK, P. C. Fifty years of family demography: A record of social change. **Journal of Marriage and the Family**, 1988. 861-873.
- HANNEMAN, R.; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods**. Riverside: University of California, 2005.
- IBGE, I. B. D. G. E. E. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro. 2012.
- LOPES, V. F. La familia en el Brasil, según el censo de población de 1960. **Notas de Población**, p. 67-93, 1976.
- MALLET, S. Understanding home: a critical review of the literature. **The sociological review**, 2004. 62-89.
- MEDEIROS, M.; OSÓRIO, R. Arranjos domiciliares e arranjos nucleares no Brasil: Classificação e evolução de 1977 a 1998. **Texto para Discussão IPEA**, 2001.
- MURPHY, M. J. Variations in Kinship Networks Across Geographic and Social Space. **Population and development review**, 2008. 19-39.
- RUGGLES, S. The future of historical family demography. **Annual Review of Sociology**, 2012. 423.
- VASCONCELOS, P. Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe. **Análise Social**, p. 507-544, 2002.
- WAJNMAN, S. **Demografia das famílias e dos domicílios brasileiros**. Belo Horizonte, MG: Tese de professor titular. Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- WATTS, D. J. **Seis Graus de Separação: A evolução da ciência de redes em uma era conectada**. São Paulo: Leopardo, 2009.
- WRZUS, C.; ET, A. Social Network Changes and Life Events Across the Life Span: A Meta-Analysis. **Psychological Bulletin**, p. 53-80, 2013.